

Elena Bashkirova e grupo de câmara no Municipal

PÁGINA 7



'Motel Destino', do Brasil, é indicado à Palma de Ouro

PÁGINA 10



No Dia Mundial do Café vamos de tiramisú?

PÁGINA 16



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Vozes de mulher ecoam no palco

Três narrativas femininas, 'Temperos de Frida', 'Só Vendo Como Dói Ser Mulher de Tolstói' e 'Menina Mojubá' estão em cartaz em abril no Teatro Glauce Rocha

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Desde tempos imemoriais, há as lendas, os mitos, as histórias que colocam as mulheres como personagens principais. As Amazonas que, com um seio apenas, flechavam e combatiam todos aqueles que tentavam invadir seus territórios. A heroína Joana D'Arc, Elizabeth I, as combatentes como Joana An-

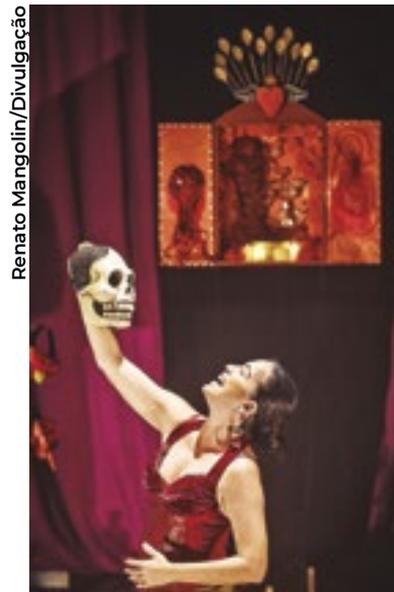
gélica e Maria Quitéria em nossa independência e Anita Garibaldi, a heroína de dois mundos.

Neste mês de abril, no Teatro Glauce Rocha (em frente ao Metrô Carioca), estão espetáculos imperdíveis que tratam justamente de mulheres, que existiram ou não, para mostrar como essa luta é ancestral. "Temperos de Frida", "Só Vendo Como Dói Ser Mulher de Tolstói" e "Menina Mojubá" são produções com as protagonistas exercendo os seus papéis também fora do palco: Rosana Reátegui



Rose Abdallah em 'Só vendo como dói ser mulher de Tolstói'

Alberto Maurício/Divulgação



A peruana Rosana Reátegui dá vida a Frida Kahlo

Renato Mangolin/Divulgação



Marcela Treze estrela 'Menina Mojubá'

Bia Pavoas/Divulgação

na com graça, passeando por Catrina, a "Dona Morte", ícone cultural mexicano, propondo um diálogo direto com a plateia.

Já Rose Abdallah, indicada a diversos prêmios com a obra em cartaz, rejuvenesce no papel da mulher do escritor russo no espetáculo "Só Vendo Como Dói Ser Mulher de Tolstói". A atriz mostra o lado pessoal do autor evidenciando suas atitudes e levando a plateia a conhecer os abusos e o machismo do autor no casamento.

Compartilhando o mesmo teatro, Marcela Treze apresenta "Menina Mojubá" aos sábados e domingos. Na peça, a menina se transforma em uma pomba-gira após seu trágico falecimento, tornando-se uma figura poderosa no mundo espiritual, capaz de proteger e livrar todos aqueles que tenham caminhos semelhantes aos seus. Durante a encenação são apresentadas entidades e características de vestimenta e trejeitos, aliadas à dança, música e energia feminina.

"A importância do público para os atores no palco é fundamental. Esses espetáculos trazem cultura, conhecimento e história e, por isso, precisam ser assistidos", afirma Rosana.

("Temperos de Frida"), Rose Abdallah ("Só Vendo Como Dói Ser Mulher de Tolstói") e Marcela Treze ("Menina Mojubá").

Independentes, sem patrocínio, estão lá contando lendas, discutindo a função da mulher na sociedade elas levam o público a uma viagem por três continentes diferentes: América Latina, Europa

e África ao ocupar os espaços com os seus próprios esforços.

Rosana Reátegui traz o espetáculo que conta a história, a vida e a obra da artista mexicana Frida Kahlo com expressividade ao lado de uma cantora e um violonista entoando canções latinas ao vivo que hipnotizam o público. A obra apresenta a cultura latino-america-

SERVIÇO

Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179 - Centro)
Só Vendo Como Dói Ser Mulher de Tolstói: sextas e sábados (19h30)
Tempero de Frida: quintas e sextas (19h30)
Menina Mojubá: sábados (19h) e domingos (18h)

CRÍTICA / TEATRO / O TRAIADOR

Fidelidade ao teatro

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Desde que o grupo de artistas surgiu em 1874 em uma polêmica exposição que visava romper com a estética vigente na época, os chamados Impressionistas, a relação com a arte virou de ponta a cabeça. As vanguardas do século 20 ainda hoje repercutem com seu principal dilema: forma ou conteúdo, mensagem ou impacto estético, significado ou mera fruição. A junção dos talentos de Marco Nanini e Gerald Thomas em “O Traidor” aponta, desde o título, para um espetáculo que é meticulosamente construído para mostrar a base do que é teatro, como arte performática.

Abrem-se as cortinas o que se vê é uma enorme escultura de Nanini, deitado de lateral, coberto com cordas, exatamente como Gulliver em Lilibut. E aí surge Nanini, o ator solo, que se encaminha, no incrível cenário da ilha, para uma poltrona que lembra um trono medieval. O coro formado por Apollo Faria, Hugo Lobo, Marllon Fortunato e Wallace Lau desempenham movimentos que são



Carolina Tavares/Divulgação

Nanini une talentos com Gerald Thomas em ‘O Traidor’

performances para apoiar o que Nanini fala.

A primeira coisa que se percebe com a citação à teoria de tragédia de Nietzsche que se contrapõe àquela de Aristóteles é que as indagações do ator são apenas um motivo para se

pensar o que é a essência de teatro. Há que se contar uma história? Há que se ter uma multiplicidade de personagens? Há que se ter um conflito explícito, tradicional no qual a obra se baseia e irá resolver?

Está no palco de “O Traidor um jogo entre uma possível traição que levou o personagem à ilha e a explícita traição a um teatro sem invenções, sem qualquer ousadia. Os textos vão sendo falados, perguntas jogadas ao ar, movimentos aparentemente desconectados. Mas a dimensão de tudo é dada pelo ator extraordinário, além do talento que é Marco Nanini, que é iluminado por uma luz que funciona como uma instalação.

O acerto da montagem é a capacidade de diretor/ator/equipe formarem um conjunto sólido, aderente ao que se vai ver neste espetáculo repleto de perfeição. Direção, ator, cenário, luz, figurino, música, coro nos provam que a emoção gerada pela interação entre o que acontece num palco e o que se assiste ainda é a maior de todas.

SERVIÇO

O TRAIADOR

Teatro Prio (Jockey Club Brasileiro - Av. Bartolomeu Mitre, 1110)

Até 28/4, de quinta a sábado (20h) e domingos (19h).

Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Tebas em Nova Iguaçu

O Festival de Artes da Fundação Educacional e Cultural de Nova Iguaçu (FENIG) apresenta o espetáculo “Tebas Reloaded”, da Cia Arcênico, no sábado, dia 13 de abril, às 20h, no Teatro Sylvio Monteiro, com entrada franca. A releitura em cenário contemporâneo na Baixada Fluminense, com narrativa não linear, conduzida pelo personagem Dionísio, o Deus do teatro, numa jornada que aborda temas universais como dor, traição, golpes e a condição humana, aproximando os antigos mitos e rituais aos dilemas contemporâneos.

Matheus Petrovich/Divulgação



Divulgação



A volta da ‘Inquilina’

A Cidade das Artes Bibi Ferreira apresenta “A Inquilina”, espetáculo que reúne mistério, humor, paixão e liberdade ao contar a história de duas mulheres acima dos 50 anos, com histórias diversas, que querem dar uma virada na vida. Até 28 de abril, a comédia dramática expõe as alegrias e terrores da reinvenção pessoal na idade madura, com Luiza Thiré e Carolyn Aguiar, ambas de 53 anos, é um convite ao recomeço. A direção de Fernando Philbert acerta no tom de atuação das duas atrizes e no jogo do diálogo entre duas personagens completamente diferentes.

Bianca Oliveira/Divulgação



Cora em Niterói

Há mais de dois anos em cartaz, o monólogo “Cora do Rio Vermelho”, com a atriz Raquel Penner, terá três sessões neste fim de semana (12 a 14) no Teatro Municipal de Niterói. Com texto de Leonardo Simões e direção de Isaac Bernat, a peça faz um passeio pela obra da poeta, contista e doceira Cora Coralina, com poemas que falam sobre a força feminina e a alma da mulher brasileira. Há uma relação de cumplicidade entre a atriz e a plateia, com momentos intimistas e divertidos. As sessões serão na sexta-feira, às 20h, e no sábado e no domingo, às 18h.

Murilo Alvesso/Divulgação

Em clima de rock oitentista



Fernanda Abreu

Divulgação

TIM Music Noites Cariocas recebe Blitz e Fernanda Abreu nesta sexta; e Marina Lima, no sábado

O TIM Music Noites Cariocas segue neste fim de semana e nesta sexta-feira (12) o clima é de nostalgia pura com o melhor do rock oitentista brasileiro. A Blitz abre a noite com o show da sua “Turnê Sem Fim” e Fernanda Abreu, cuja carreira despontou na banda carioca, faz o show principal da noite com “Amor Geral (A)Live”, um passeio por seus grandes sucessos e as canções de seus trabalhos mais recentes.

A banda da praia que conquistou o Brasil desde os anos 1980 segue agitando platéias Brasil afora com sua mistura de rock, pop, funk, reggae, samba, soul e blues.

Com sua origem no grupo teatral Asdrúbal Trouxe o Trombone, o grupo nasceu sob a lona do Circo Voador, ainda na praia do Arpoador. Bastaram três meses para a trupe musical se transformar na sensação do mercado fonográfico brasileiro nos anos 80. Em plena crise do setor, a Blitz atingiu a marca de um milhão meio de cópias vendidas com o compacto “Você Não Soube Me Amar”. Na sequência, lançou o primeiro LP “As Aventuras da Blitz”, com venda mais impressionante



Blitz

que a do compacto.

O grupo ganhou capas de revistas importantes como Veja, Manchete e Isto É. Evandro & Cia arrombaram as portas do Rock Brasil, a MPB nunca mais seria a mesma. O sucesso da banda mudou o panorama das rádios e das gravadoras do Brasil. O grupo fez grandes shows em ginásios e estádios, como no extinto Canecão, onde batia recordes de público em sequência. Em palcos internacionais inusitados como Moscou em 85, Japão, EUA, Argentina e Portugal. Algumas apresentações merecem destaque como a participação no primeiro Rock in Rio, em 1985, e na Praça da Apoteose, em 1984.

A formação atual da Blitz é Evandro Mes-

quita (vocal, guitarra e violão), Billy Forghieri (teclados), Juba (bateria), Rogério Meanda (guitarra), Alana Alberg (baixo), Andréa Coutinho (backing vocal) e Nicole Cyrne (backing vocal).

Mãe do pop dançante

Considerada a “mãe do Pop dançante brasileiro”, Fernanda Abreu comemora 32 anos de carreira solo apresentando o show “Amor Geral (A)Live, registro de seu último projeto gravado e lançado em 2020.

Depois do afastamento obrigatório dos palcos por conta da pandemia da Covid 19, Fernanda retoma a estrada em capitais brasileiras, festivais e cidades do interior do Brasil.

Com sucesso de crítica e público a artista segue mostrando suas idéias através de seu canto e sua dança sempre com muito suingue e reafirmando o status atemporal de sua obra.

A artista apresenta algumas músicas do seu último álbum de inéditas “Amor Geral” e hits de sua emblemática discografia, como “Garota Sangue Bom”, “Veneno da Lata”, “Kátia Flávia”, “Voce pra Mim”, “Baile da pesada” entre outros e, claro, o hino chapa quente: “Rio 40 Graus”. Fernanda divide o palco com sua banda composta por como Tuto Ferraz (bateria e programação eletrônica), Andre Carneiro (baixo), Leonardo Vieira (guitarra), Alegria Mattos (vocaís) e a bailarina Victória Devin.

Num mundo que destila ódio, o amor é o antídoto e a resposta mais poderosa. O amor em forma de música e dança, como Fernanda, a eterna Garota Carioca Suingue Sangue Bom, sabe mostrar como poucos.

Neste sábado (13) a programação segue com outra gigante do pop rock brasileiro dos anos 1980, a contagiante Marina Lima. E Agnes Nunes, uma das boas revelações da novíssima música brasileira, abre a noite.

SERVIÇO

TIM MUSIC NOITES CARIOCAS - BLITZ E FERNANDA ABREU

Parque Bondinho Pão de Açúcar (Av. Pasteur, 520 - Urca)

12/1: Blitz e Fernanda Abreu, a partir das 23h

13/1, Agnes Nunes e Marina Lima, a partir das 23h

Ingressos a partir de R\$ 180 (meia)

Totalmente à disposição da música

Alceu valença retorna ao Rio neste sábado com show da turnê 'Alceu Dispor'

“Alceu Dispor”, show mais novo de Alceu Valença está de volta ao palco do Vivo Rio neste sábado (13), às 21h. O título do espetáculo nasceu a partir de um meme que viralizou nas redes sociais, virou figurinha de aplicativo de mensagens, ilustração em camiseta de grife, representativo do atual momento em que o cantor angaria cada vez mais fãs de diferentes gerações.

Em cena, o cantor e compo-

sitor pernambucano coloca ao dispor do público uma avalanche de sucessos, consagrados em todos os cantos do país, com números de acesso maiúsculos nas plataformas de streaming. São canções expressivas da carreira de Alceu como “Anunciação”, “Tropicana”, “Coração Bobo”, “Táxi Lunar”, “Pelas Ruas que Andei”, “Girassol”, “Cavalo-de-Pau”, “Como Dois Animais” e “Belle de Jour”, cujo vídeo ultrapassou a marca das 220 milhões de views no YouTube.

Alceu também está à disposi-

ção de fãs de várias nacionalidades, com base crescente de adeptos em países como Portugal, Espanha, Inglaterra, Irlanda, Alemanha, Suíça, Holanda, sempre com lotação esgotada.

O espetáculo inclui ainda composições que permeiam seus 50 anos de carreira, entre criações como “Papagaio do Futuro” e “Anjo de Fogo”, lançadas na década de 70; “Bobo da Corte”, “Estação da Luz”, “Tesoura do Desejo”, “Maria Sente”, diretamente dos anos 80 e 90; ou hits recentes como “Flor de Tangerina” e “Embolada do Tempo”.

O novo single do cantor, “Pagode Russo” – clássico de Luiz Gonzaga – também está ao dispor, numa versão apoteótica e vigorosa, nas plataformas e nos palcos, agora também com a marca pessoal e intransferível das interpretações de Alceu. Alceu terá a companhia dos músicos Tovininho (teclados), André Juliao (sanfona), Zi Ferreira (guitarra), Nando Barreto (baixo), Cassio Cunha (bateria).

Leo Aversa/Divulgação



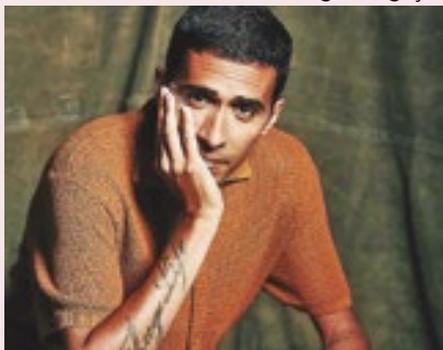
Alceu faz uma seleção de seus maiores sucessos

SERVIÇO
ALCEU VALENÇA
- ALCEU DISPOR
13/4, às 21h
Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo)
Ingressos a partir de R\$ 70 (meia) e R\$ 140

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Fernando Young/Divulgação



O versador

Um dos principais versadores da nova geração do samba de partido alto, o cantor e compositor Mosquito se apresenta nesta sexta-feira (12), às 19h30, no palco do Teatro Rival Petrobras. Em show único, o artista apresenta músicas do novo trabalho e promete um repertório variado, que incluirá também o recente sucesso, “Pega-pega”, um samba autoral e envolvente, escrito em parceria com Claudemir Rastafari e produzido por Pretinho da Serrinha.

Divulgação



Amante da MPB

O cantor e compositor português Salvador Sobral, que não esconde a paixão e a influência da música brasileira em sua obra, está de volta ao país. O artista apresenta nesta sexta (12), a partir das 21h, show da turnê “Timbre”, nome de seu novo álbum, segue encantando fãs – entre eles, Caetano Veloso, que indicou seus shows em uma postagem do Instagram. Adriana Calcanhotto é a convidada de Salvador.

Divulgação



Mineirice na lona

Nesta sexta-feira (12) os mineiros do Lamparina chega despejando seu suingue ao palco do Circo Voador com o show de lançamento do novo disco “Original Brasil”, que leva o seu já conhecido caldeirão sonoro a outro patamar ao adicionar elementos de pop, reggae, pagodão e MPB. Um verdadeiro pack de brasilidades. Pra completar e também natural da agitada cena musical mineira, Caio faz seu debut no Circo e lança álbum de estreia “Passageiro”.

Divulgação



Cultura popular

No este sábado e domingo (13 e 14) será realizada a edição 2024 do Mitos e Ritos da Cultura Popular, organizado pela Casa do Saber Popular, em Guaratiba. As apresentações, oficinas e rodas culturais serão gratuitas e, quem participa pela primeira vez, é o grupo cultural Jongo da Serrinha, que também fará um oficina de Jongo, com 40 vagas abertas. A percussionista, Nega Deza ministra no domingo oficina de coco de roda.

SESC^{RJ} PUL SAR

CONFIRA OS DESTAQUES
DA PROGRAMAÇÃO NOS
MESES DE ABRIL E MAIO.



MÚSICA ANTONIO GUERRA TRIO - RABO DE ARRAIA

Antonio traz em seu repertório inédito suas dores, suas críticas e o balanço carioca de Rabo de Arraia.

Sesc Barra Mansa
12/4 (sexta) - 19h



MÚSICA ORQUESTRA PRÓ-ARTE E OS CABRAS DA PESTE

Novo show dançante com obras inéditas e músicas icônicas dos mestres Luiz Gonzaga, Dominguinhos e Gilberto Gil.

Sesc Quitandinha 12/4 (sexta) - 20h
Sesc São João de Meriti 11/5 (sábado) - 19h



MÚSICA SHOW FAVELA VIVE

O show apresenta os MCs Lord e DK, com versos que debatem questões fundamentais das periferias brasileiras.

Sesc Madureira I 12/4 (sexta) - 19h
Sesc Campos 3/5 (sexta) - 19h
Sesc São João de Meriti 4/5 (sábado) - 19h
Sesc São Gonçalo 10/5 (sexta) - 19h



MÚSICA HOMENAGEM ÀS MULHERES DO SAMBA

Show inédito em homenagem às mulheres precursoras que transformaram a história do samba.

Sesc Ramos 18/4 (quinta) - 19h
Sesc Niterói 10/5 (sexta) - 19h
Sesc Tijuca 28/5 (terça) - 19h
Sesc Nova Iguaçu 24/5 (sexta) - 19h



MÚSICA JONATHAN FERR - LIBERDADE

O pianista convida o público a uma viagem cósmica para dentro de si, mantendo o tônus afrofuturista que marca sua assinatura.

Sesc Copacabana 30/4 (terça) - 19h
Sesc Tijuca 7/5 (terça) - 19h
Sesc Ramos 9/5 (quinta) - 19h



TEATRO PÉRSIA

O espetáculo se propõe a investigar as conexões entre a cultura brasileira e a persa, buscando enxergar, em um espelho iraniano, o nosso reflexo.

Sesc Copacabana até 21/4 (quinta a domingo) - 20h



Confira a
programação
completa das
unidades.

Elena Bashkirova e a alma da música

Pianista israelense se apresenta neste sábado no Municipal com seu Jerusalem Chamber Music Festival Ensemble

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

Em Israel, seu território natal, o Festival Internacional de Música de Câmara de Jerusalém é realizado anualmente no fim do verão. Mas durante o resto do ano, a pianista Elena Bashkirova, que fundou o festival em 1998, faz turnês com alguns de seus músicos e, na noite deste sábado (13), com seu Jerusalem Chamber Music Festival Ensemble se apresenta no Theatro Municipal.

“A música de câmara é a alma da música”, defende Elena Bashkirova. E este credo é seguido à risca pela pianista em seus papéis como solista, acompanhante, musicista e designer de programas.

Esse conjunto representativo é um ensemble, palavra de origem francesa, que é a pequena combinação de executantes, vozes e/ou instrumentos, com partes individuais. O célebre marido de Bashkirova, o pianista Daniel Barenboim, não está entre eles, mas o filho deles, Michael Barenboim, é o violinista do gru-



Nikolaj Lund/Divulgação

Elena Bashkirova corre o mundo em recitais com formação de câmara

po; Pablo Barragán (clarinete) e Astrig Siranossian (violoncelo) completam o grupo que executa um repertório com obras de Mozart, Jörg Widmann, Beethoven e Béla Bartók.

Michael Barenboim come-

çou a tocar piano aos quatro anos e em seguida migrou para o violino. Durante muitos anos, trabalhou com Pierre Boulez. Michael Barenboim é membro do Boulez Ensemble e professor da Academia Barenboim-Said, em Berlim, que o nomeou reitor em 2020.

O clarinetista Pablo Barra-

gán é o vencedor do Prix Crédit Suisse Jeunes Solistes em 2013, entre outras competições. Desde 2020 Pablo Barragán é professor na Academia Barenboim-Said em Sevilha e em master classes como a Escuela Superior de Música Reina Sofía, em Madrid.

Vencedora várias vezes do Prémio Especial do Concurso Internacional de Violoncelo Krzysztof Penderecki, Astrig Siranossian, desde 2016, é diretora artística do festival “Les Musicales” e do “Adele Clement Cello Festival”. Astrig toca um violoncelo Francesco Ruggieri de 1676, cedido pela Boubo Music Foundation em Binningen e o violoncelo “Sir John Barbirolli” Gagliano oferecido pela “Fondation Henrot pour la Musique”.

SERVIÇO

JERUSALÉM CHAMBER MUSIC FESTIVAL ENSEMBLE

Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº)

13/4, às 18h

Ingressos: R\$ 2 mil (plateia e balcão nobre), R\$ 800 (balcão superior) e R\$ 400 (galeria)

CRÍTICA / DISCO / DIOGO MONZO TOCA LUIZ EÇA - SOLO PIANO AO VIVO

Por **Aquiles Reis***

Pianista, compositor, arranjador e professor de jovens músicos, Luiz Eça criou o Tamba Trio, formado por Hélcio Milito (bateria), Bebeto Castilho (contrabaixo e flauta) e ele ao piano. Hoje, o pianista Diogo Monzo lança Diogo Monzo toca Luiz Eça – Solo Piano ao Vivo (Biscoito Fino). Para homenagear o mestre, gravou o álbum no Salon Brah (Viena/Áustria) e no Bulgaria Chamber Hall (Sofia/Bulgária). O nosso saudoso Luizinho completaria 88 anos no dia três de abril. Vamos às sete faixas do álbum.

“The Dolphin” (https://youtu.be/R2ndSBqjPeY?si=3e6P9_daG5f1XqhO), de Luiz Eça: o arranjo com mais de nove minutos de duração começa com o piano meio que endoidado: os acordes se misturam às notas dedilhadas,

num turbilhão de seqüências melódicas embaladas por harmonias que só Luizinho Eça era capaz de criar. Monzo se entrega a fundo, quase dando para ver o brilho de seus olhos iluminando o teclado. Num breve momento de brandura, o piano se desvela em emocionado afago. A melodia é bela! Os improvisos vêm com compassos íntimos da música. Sob os dedos de Monzo, o ritmo nordestino protagoniza. Novo instante de reflexão, o final se aproxima e com ele os aplausos. Uma abertura digna de deixar o ouvinte embevecido com o talento de Eça e com o brilho de Monzo.

“Alegria de Viver” (Luiz Eça e Fernanda Quinderé) tem nova-

Parabéns, Luiz Eça e Diogo Monzo!

Divulgação



ao jeitão de Quinderé e Luizinho.

“Chorinho Postress para Fernanda Quinderé” (Luiz Eça): o choro revela a relação de Luizinho com a parceira. O couro come: Monzo é um virtuoso! A baixaria levada pela mão esquerda do instrumentista é digna de um mestre chorão. E, nessa levada, a homenagem flui que é um encanto.

“Reencontro”, mais uma parceria de Eça com Quinderé, chega de mansinho. Romântico, Luizinho derrama sua habilidade musical sobre uma melodia límpida. Monzo, que de bobo não tem nada, muito pelo contrário, se vale de sua alma erudita e populariza a declaração de bem-querer imaginada pelo autor. Os aplausos

vêm calorosos. Muito bonito!

“Melancolia” (Luiz Eça e Ronaldo Bôscoli) chega esperta. A harmonia tem no arranjo um aliado. Monzo, craque que é nos improvisos, cria um supimpa. Os dedos dropam as teclas... altas ondas. Meu Deus!

“Quase Um Adeus” (Luiz Eça e Paulo César Pinheiro) chega solene, com a melodia tocada por Monzo como uma forma de oração, tendo os versos do poeta Paulinho Pinheiro em sua mente. E assim, entre repetições de uma frase melódica, a melodia navega soberana.

A bela “Imagem”, de Luiz Eça e Aloysio de Oliveira, fecha a tampa. Resta, então, a certeza de que Diogo Monzo, por meio de seu piano tão popular quanto erudito, será sempre capaz de multiplicar a mestria de Luiz Eça. Aplausos!

*Vocalista do MPB4 e escritor

Apresentadora
fala de sua
trajetória
vencedora
em entrevista
ao evento
paulistano
Legends in
Town

Oprah diz que seus antepassados escravizados nunca a deixam se sentir frágil

Brazil News



Oprah recebe mimo

Brazil News



Oprah Winfrey durante entrevista a Taís Araújo em evento promovido em São Paulo

A participação da apresentadora estadunidense Oprah Winfrey no evento Legends in Town, promovido pela XP em parceria com a consultoria Alvarez & Marsal, em São Paulo, foi tratada como sua primeira visita ao Brasil. Ela foi entrevistada (e adulada) pela atriz Taís Araújo, que abriu e encerrou o evento declarando sua adoração a Oprah.

A entrevista começou com a pergunta sobre quem era Oprah Winfrey antes da celebridade na qual se tornou, levando-a às raízes da menina que não queria repetir os passos da avó lavando roupas no

quintal.

Quando Oprah nasceu, nos anos 1950, a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos desabrochava, ou seja, tratava-se de um momento em que as pessoas poderiam imaginar mudanças, disse ela. A rejeição ao destino da avó era um instinto, como a voz divina, que sempre a guiou.

Questionada sobre quem foram as pessoas que a inspiraram, ela se referiu aos seus ancestrais escravizados. A apresentadora falou sobre as muitas ocasiões na carreira em que foi a única mulher e a única pessoa negra presente na sala, sem jamais sentir-se frágil porque sem-

pre teve convicção na força de seus antepassados.

Se há um ponto fraco que a entristece, ressaltou, são as situações em que se sente alvo de mentiras, seja nos tabloides do passado ou nas redes sociais atualmente.

A relação com o dinheiro na vida da apresentadora, considerada a primeira mulher negra a se tornar bilionária nos Estados Unidos, também foi abordada. Ela relatou uma ocasião da juventude pobre quando uma amiga rica a viu ter de escolher entre um croissant ou os ovos porque faltava dinheiro para ambos na mesma refeição. Na situação, a amiga, porém, não ofe-

receu ajuda, e a lembrança daquele acontecimento lhe deixou lições sobre generosidade. A vida é melhor quando se divide o que tem, e o dinheiro jamais foi seu objetivo, disse Oprah.

Ao falar de filantropia, Oprah disse que, no momento em que atingiu o suficiente para si, começou, imediatamente, a pensar no que poderia fazer pelas outras pessoas. Descreveu a origem da escola para garotas de baixa renda que criou na África do Sul e lembrou o período de dez dias passados na casa do ex-presidente Nelson Mandela (1918-2013).

Oprah riu ao ser questionada

por Taís Araújo sobre as refeições com Mandela. Disse que ainda costuma se lembrar dele todas as vezes em que come queijo. É que o líder político lhe recomendou evitar o alimento, argumentando que não faz bem ao coração.

Embora tenha chegado a dizer no palco que esta foi a sua primeira vez no Brasil, Oprah esteve aqui em 2012. Foi até Abadiânia, no interior de Goiás, para entrevistar o médium João de Deus. Quando as denúncias de abuso sexual contra ele vieram à tona, em 2018, os vídeos das entrevistas que Oprah gravou com ele foram retirados do ar.

Na época, ela divulgou um comunicado manifestando sentir empatia pelas mulheres que apresentaram suas denúncias e esperar justiça.

No evento desta quarta-feira, Oprah não tocou no assunto, apesar do gancho que poderia ter puxado o tema, nos minutos finais do evento, quando o empresário Elie Horn pediu o microfone. Fundador da incorporadora e construtora Cyrela, Horn contou a Oprah que investe no combate à violência sexual contra crianças e adolescentes por meio do Instituto Liberta e pediu a participação da americana.

Na plateia havia outros nomes do empresariado e da música ligados ao combate à violência contra a mulher, como Luiza Trajano, do Magalu, Chieko Aoki, da rede de hotéis Blue Tree, e a cantora Fafá de Belém.

SHOW**MPB4**

*Nesta sexta-feira e sábado (12 e 13), às 21h, o MPB4 sobe ao palco do Soberano para apresentar seu show "60 Anos de Sucessos". Aquiles Reis, Miltinho, Dalmo Medeiros e Paulo Malaguti Pauleira apresentam repertório que reflete seu momento atual como "Amigo é Pra Essas Coisas", "Roda Viva", "A Lua" e "Vira virou", entre outras. Estr. União e Indústria, 11.000 - Itaipava, Petrópolis. Ingressos: R\$ 300 e R\$ 150 (moradores do Estado do Rio

SAMBA DO OMAR

*Neste sábado (13) o Samba do Omar volta ao Corco Voador. A roda de samba, que nasceu no famoso Bar do Omar, terá Marcelle Britto, Samba pra Roda, DJ Ilton, Omaracujá e cerveja trincando para o público. Portões abertos a partir das 20h. Ingressos entre R\$ 30 (meia) e R\$ 100.

CANTO CORAL

*Série clássica mais antiga do Brasil, o Música no Museu segue neste domingo (14), às 13h. As vizes da Associação de Canto Coral entoam clássicos internacionais, no Museu da República (Rua do Catete, 153). Entrada franca

HUMOR**DOUGLAS DI LIMA - VIDA DE CRENTE**

*Com um humor leve e inteligente, Di Lima aborda as diferenças entre as igrejas tradicionais e as mais modernas, destacando as situações engraçadas que acontecem dentro desses ambientes. Teatro Miguel Falabella Norte Shopping (Av. Dom Hélder Câmara, 5474). R\$ 90 e R\$ 45 (meia). Até 2/5.

TEATRO**AMOR E CORRUPÇÃO**

*Retratando um dos crimes mais brutais da história atual do Brasil, a peça traz uma abordagem complexa do caso Richthofen. O espetáculo, escrito e dirigido por Caio Godard, faz curta temporada até domingo (14) com apresentações de sex a dom (20h) na Sede das Cias (Rua Manoel Carneiro, 12, Lapa). R\$ 60 e R\$ 30

TÊMPORA

*Espetáculo aborda temas como an-



MPB4

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Douglas di Lima

cestralidade, relações familiares, tecnologia e o eterno ciclo da vida, trazendo à cena o cotidiano de uma família em momento delicado. Até 28/4 no Teatro 2 Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539) de qui a sáb (19h) e dom (18h). R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 7,50 (associado Sesc) e grátis (PCG)

KAFKA E A BONECA VIAJANTE

*O espetáculo retorna ao Rio após itinerância por diversas capitais. Teatro Clara Nunes (Rua Marquês de São Vicente - Loja 370, 53). Até 28/4

LOTTE ZWEIG - A MULHER SILENCIADA

*Em fevereiro de 1942, o escritor Stefan Zweig e sua esposa Charlotte foram encontrados mortos em seu bangalô. A causa apontada indicava

Divulgação



Amor e Corrupção

suicídio duplo. Mas, 80 anos depois, novos indícios, novas e persistentes dúvidas. Teatro Fashion Mall (Estr. da Gávea, 899 - São Conrado). Até 28/4.

UM FILME ARGENTINO

*As complexidades e reviravoltas da vida de um casal, enquanto utiliza uma abordagem cômica para destacar as diferentes facetas dos relacionamentos. Teatro Adolph Bloch (Rua do Russel, 804). Qui a sáb (20h) e dom (18h). Até 21/4

EXPOSIÇÃO

OURO LÍQUIDO

*A Korb Galeria apresenta a exposição coletiva "Ouro Líquido" e a individual "Invisível", de Fernando Bianchi, com curadoria de Juliana Curvellano, no Centro Cultural Correios RJ, con-

trapondo visões concretas e urbanas de uma cidade como São Paulo, com a essência da água em seus mais diversos simbolismos, importância vital e ambiental. Até 11/5, de ter a sáb (12h às 19h) no Centro Cultural Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro). Grátis

KRAJCBERG & ZANINE

*Exposição inédita reúne trabalhos do artista polonês Frans Krajcberg e do arquiteto Zanine Caldas, pioneiros da luta ambiental, que tem como matéria-prima madeiras oriundas de desmatamento. Galeria Athena (Rua Estácio Coimbra, 50 - Botafogo). Até 18/5. De ter a sex (11h às 19h). Sáb (12h às 17h). Grátis

AWÚRE

*O artista plástico Caio Truci apresen-



Associação de Canto Coral

Divulgação

pendentes e curadoria de Raimundo Rodriguez. Até 26/5. Ter a sáb (9h às 17h). Grátis

LUZES

*O artista plástico francês Jérôme Poignard apresenta 40 telas que captam paisagens urbanas de cidades emblemáticas como Paris, Rio, São Paulo e Londres. Até 15/5 no Centro Cultural Correios (Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro) de ter a sáb (12h às 19h). Grátis



Ouro Líquido

ta a exposição "Awúre", retratando os orixás de diversas maneiras. Até 20/4 no Centro Cultural Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro), de ter a sáb (12h às 19h). Grátis

PAISAGEM DE UM MUNDO PARTIDO

*A artista Gloria Seddon transporta o espectador a um mundo de sensações e percepções palpáveis e de sentimentos de angústia e impotência, mas também de esperança. Galeria Antonio Berni (Praia de Botafogo, 228 - sobreloja). Até 19/4, de seg a sex (10h às 17h). Grátis

TECIDO URBANO

*Em cartaz no Sesc São João de Meriti (Av. Automóvel Clube, 66 - Centro), a exposição resgata o imaginário cultural dos subúrbios e periferias do Rio, com obras de 19 artistas inde-

AVA ART FESTIVAL

*O papel e a arte japonesa são os temas da exposição que começa no Rio, segue para Varkaus (Finlândia) e termina em Osaka (Japão). Os artistas apresentam obras de intensidades, cores e estilos diversos. Ava Galleria Rio (Rua Orestes, 28 - 2º andar - Fábrica Bhering, Santo Cristo). Até 14/4, de qua a sáb (11h às 17h)

INFANTIL

VILLA-LOBOS, CANTIGAS E CRIANÇAS

*Em uma combinação lúdica de música, encenação e animações 2D, o espetáculo baseado nas cantigas populares recolhidas e sistematizadas pelo Maestro Heitor Villa-Lobos traz uma experiência imersiva nas tradições culturais brasileiras. Até 27/4 aos sáb e dom (11h) na Ecovilla Ri Happy (Rua Jardim Botânico, nº 1008)

CARIOQUINHAS

*A história do Rio para crianças, desde seu descobrimento até os dias atuais. Até 28/4, sáb e dom (16h) no Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - Gávea). R\$ 90 e R\$ 45 (meia)

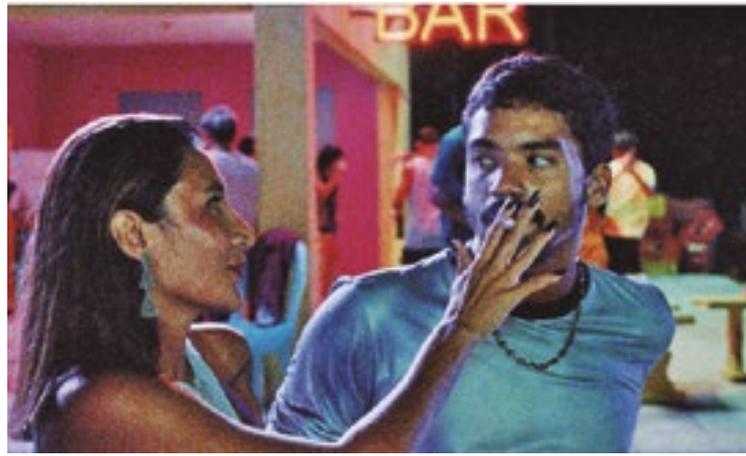
Divulgação

Divulgação



Horizon - An American

Divulgação



Motel Destino

'Depois de quatro anos de pesadelo, voltamos... com uma cicatrização enorme'

Pelo segundo ano seguido, o cearense Karim Aïnouz disputa a Palma de Ouro de Cannes, agora do lado de titãs como Francis Ford Coppola



Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Vinte e dois anos depois da projeção consagrada de "Madame Satã" na Croisette, o cearense Karim Aïnouz vai disputar a Palma de Ouro... pelo segundo ano consecutivo... agora com uma produção rodada no litoral de sua terra: "Motel Destino". Ano passado, ele disputou o prêmio falando da monarquia inglesa, com "Firebrand", que segue inédito em circuito comercial por aqui. Tinha Alicia Vikander e Jude Law como estrelas. Agora, tem Fábio Assunção ao lado de um elenco de novos rostos, como Nataly Rocha e Iago Xavier, seus protagonistas.

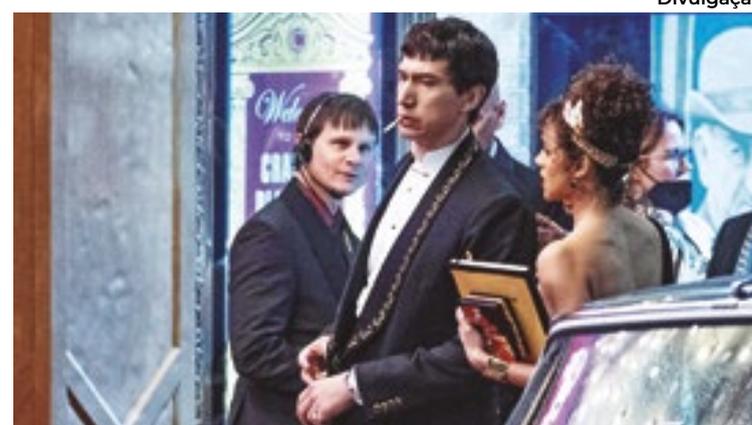
"É uma homenagem ao cinema noir e à pornochanchada", define Karim, num papo com o Correio

da Manhã. "Estou muito feliz. Dois anos seguidos! Agora, volto filmando na minha terra, com uma nova geração inteira".

Selecionados por teste entre mais de 500 atores, Nataly e Iago encaram as engrenagens do que Karim idealizou como sendo um thriller erótico. "Motel Destino" se define como um retrato íntimo de uma juventude que teve seu futuro roubado por uma elite tóxica e esmagadora, contra a qual a insubordinação e revolta são, não raramente, a saída possível. É uma saga do encontro de um rapaz em fuga, totalmente vulnerável, com uma mulher aprisionada pelas dinâmicas de um casamento abusivo.

"Depois de quatro anos de pesadelo, que foi aquele governo horrível, voltamos... com uma cicatrização enorme. É muito feliz viver isso", diz o realizador, laureado com o Prix Um Certain Regard em 2019, por "A Vida Invisível".

Karim não será o único filme a falar português na competição pela Palma de Ouro. Da terrinha, lá de



Divulgação

Megalópolis

terras lusitanas, Miguel Gomes entra em cena com "Grand Tour". Desde 2006, quando foi indicado por "Juventude Em Marcha", Portugal não sabia o que era brigar pela Palma. Vem com sede de vitórias, mas tem titãs em seu caminho. Este ano, foram selecionados medalhões como David Cronenberg, Paolo Sorrentino e Andrea Arnold, que foi escolhida para receber a honraria anual da Quinzena de Cineastas, a Carroça de Ouro. Porém, o nome que mais intimida a concorrência é Francis Ford Coppola. Ele vai concorrer com "Megalópolis", superprodução no qual Adam Driver vive o arquiteto por trás da criação de uma cidade dos sonhos. Dustin Hoffman e Jon Voight estão no elenco. Coppola já ganhou na Croisette duas vezes: em 1974,

por "A Conversação" e em 1979, com "Apocalypse Now". Seu contemporâneo, Paul Schrader, roteirista de "Taxi Driver" (1976), vai desafiá-lo com "Oh! Canadá", tendo Richard Gere na pele de um desertor da Guerra do Vietnã.

O possível vencedor vai depender do júri, cuja presidência fica à cargo da diretora e atriz Greta Gerwig, responsável pelo fenômeno "Barbie", que foi a maior bilheteria de 2023, com receita de US\$ 1,4 bilhão. A atração de abertura do festival será a comédia "La Deuxième Act", de Quentin Dupieux.

Antes dos anúncios feitos ontem, Cannes já havia divulgado a projeção de "Furiosa", de Geore Miller, um derivado de "Mad Max - Estrada da Fúria" (2015), com Anya Taylor-Joy no papel da jo-

A COMPETIÇÃO

The Apprentice - Ali Abbasi**Motel Destino** - Karim Aïnouz**Bird** - Andrea Arnold**Emilia Perez** - Jacques Audiard**Anora** - Sean Baker**Megalópolis** - Francis Ford Coppola**The Shrouds** - David Cronenberg**The Substance** - Coralie Fargeat**Grand Tour** - Miguel Gomes**Marcello Mio** - Christophe Honoré**Feng Liu Yi Dai (Caught By The Tides)** - Jia Zhang-Ke**All We Imagine As Light** - Payal Kapadia**Kinds Of Kindness** - Yórgos Lánthimos**L'amour Ouf** - Gilles Lellouche**Diamant Brut (Wild Diamond)** - Agathe Riedinger**Oh Canada** - Paul Schrader**Limonov** - The Ballad - Kirill Serebrennikov**Parthenope** - Paolo Sorrentino**Pigen Med Nålen (The Girl With The Needle)** - Magnus Von Horn

vem imperatriz outrora viva por Charlize Theron. Também haverá projeção do primeiro episódio da série de longas-metragens "Horizon: Na American Saga", um faroeste dirigido e estrelado por Kevin Costner. Foi anunciada ainda a criação de uma competição oficial de filmes de imersão, feitos a partir das tecnologias de realidade virtual.

O ganhador da Palma de Ouro Honorária de 2024 será o diretor, produtor e criador de "Star Wars", George Lucas, que receberá a láurea no encerramento do evento.

Ganhador da Palma dourada de 2023, "Anatomia de uma Queda", que rendeu ainda à diretora Justine Triet o Oscar de Melhor Roteiro, segue em cartaz no Rio, com sessões às 18h, mas só na segunda e na terça, no Estação NET Botafogo.

Ao ser abraçado pelo governo francês em detrimento de ‘Anatomia de uma Queda’, o belo ‘O Sabor da Vida’, que acaba de estrear no Brasil, sofreu com uma injusta indigestão

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Desde que saiu do Festival de Cannes de 2023 coroado com o prêmio de Melhor Direção, o vietnamita Tran Anh Hùng tem pago uma conta que não é dele em função de um quiproquó político da França que respingou na iguaria “O Sabor da Vida”. O filme entra em cartaz no Brasil neste fim de semana – e ganha uma edição em livro da Nova Fronteira – depois de ser visto por cerca de 220 mil pagantes em Paris, Nice, Marselha e arredores.

Faturou bem menos do que poderia por uma confusão cometida pelas autoridades culturais francesas. No fim da maratona cannoise, pouco depois de Hùng ter sido premiado, a diretora Justine Triet foi anunciada como a ganhadora da Palma de Ouro, com “Anatomia de uma Queda”. Ao subir ao palco do Palais des Festivals, ela vociferou críticas ao sistema de governo de sua pátria, num ataque frontal às estruturas de fomento à arte. Naquele momento, ganhou inimizadas.

A iguaria que **dividiu a França**

Stéphanie Branchu/Divulgação



Juliette Binoche contracenando com Benoît Magimel em ‘O Sabor da Vida’

Tanto ganhou que foi preterida na hora de aquela nação selecionar quem seria seu representante na briga por uma vaga ao Oscar. A fim de escolher um representante à altura, o colegiado por trás da missão de selecionar um emissário francófono potente para a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood optou pela narrativa de Hùng em parte por conta de seu elenco central: o ex-casal Juliette Binoche e Benoît Magimel. Mas seus encantos vão bem além de sua trupe.

“Quis fazer uma história de amor que celebrasse à arte de cozinhar”, disse o cineasta, que se notabilizou nos anos 1990, com “O Cheiro da Papaia Verde” (1993).

Adaptação do romance “La Vie et la Passion de Dodin-Bouffant, gourmet” (1924), de Marcel Rouff (1877-1936), “O Sabor da Vida” é o primeiro filme do Hùng depois de um hiato de sete anos. Antes ele fez “Éternité”, de 2016, e sumiu, residindo em Paris, estudando e colhendo dados para novos (e pessoais) projetos.

Mas seu regresso foi celebrado em Cannes, onde a crítica se encantou com a exuberante abordagem do universo da culinária da França do século XIX. “O cinema que eu almejo fazer não tem que ilustrar marcas de roteiro e, sim, deixar que a linguagem seja livre para capturar a plateia e comovê-la”, disse Hùng, sem se pronunciar sobre a confusão com o longa de Justine, laureado com

o Oscar de Melhor Roteiro Original no dia 10 de março.

Ambientada em 1885, “La Passion de Dodin Bouffant” (nome de “O Sabor da Vida” na França) acompanha os rituais culinários diários feitos pela chef Eugénie, vivida por Juliette Binoche, em sua relação da mais acalorada e cúmplice paixão pelo gourmet Dodin, vivido por um inspirado Benoît Magimel.

Amigos da alta sociedade vão a casa dele se deliciar dos pratos preparados por Eugénie. É esperada até a vinda de um nobre. Mas ela começa a dar sinais de estar gravemente doente. É quando Dodin decide inverter os papéis e cozinhar para ela, a fim de expressar todo o seu afeto.

“Tenho muitas influências do

cinema francês em minha vida, mas não quis que elas tomassem as rédeas aqui”, diz Hùng. “O Sabor da Vida’ é, sim, um filme mais francês do que do Vietnã, mas ele busca ter uma voz própria, autônoma. Há, contudo, um diretor que sempre levo comigo: Godard. Cada filme dele tinha um frescor. Gosto de sua luz”.

Hino ao amor e beleza

Durante a coletiva de Cannes, Juliette define o filme como “um hino ao amor e à beleza”. “É um filme feminista. Hùng quis retratar a mulher com o status de liberdade, sem opressão. Ela é um signo de independência”, defende a atriz. “Na vida a gente tem que aprender com os próprios erros, encontrar nosso próprio caminho e buscar onde temos serenidade. O cinema conseguiu me mostrar isso tudo. Eu sigo filmando para descobrir o que não sei, para ser surpreendida”, acrescenta a diva.

Magimel elogiou a concisão do diretor. “Palavras não são necessárias para expressar o que buscamos. A palavra de que precisamos é Dodin buscar o nome de Eugénie, sempre curioso por ela”, disse.

Elogiado pela força de sua fotografia saturada, assinada por Jonathan Ricquebourg, “La Passion de Dodin Bouffant” impôs a Hùng um desafio sinestésico. “De que maneira é possível reproduzir em imagens a sensação de provar de um prato, gozar com o sabor da iguaria e desfrutar da degustação?”, disse o cineasta. “O caminho que tentei foi evitar impor ao espectador uma visão específica sobre cada prato, cada alimento. O tempero para isso foi o som, o som de uma cozinha viva, com o tilintar dos talheres”.

ENTREVISTA / LUIZ FEIER MOTTA, DUBLADOR E LOCUTOR

‘Na dublagem, como em qualquer atividade, a inteligência artificial precisa ser sempre coadjuvante’

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Depois da morte de Isaac Bardavid (1931-2022), parecia impossível alguém dublar o Wolverine com som e fúria dignos do que o saudoso mestre fazia... até Luiz Feier Motta ser chamado. É um presente aos tímpanos ouvir o gaúcho de Caxias do Sul dublar o mutante mais famoso da Marvel na série “X-Men ‘97”, da Disney+. Não se trata de uma imitação de Bardavid, mas, sim, da busca pela criação de um timbre próprio para o carcaju de ossos de adamantium.

Feier tem cancha para isso, com sua vasta quilometragem. Há pelo menos quatro décadas sua voz se faz ouvir na televisão e nas plataformas de streaming, sobretudo da boca de Sylvester Stallone. A estreia de “Risco Total”, em 1993, já trazia o locutor e dublador gaúcho no posto de voz oficial do eterno Rocky. Ousaram substituí-lo na série “Tulsa King” e os assinantes da Paramount+ se revoltaram. Na entrevista a seguir, ele comenta o caso e fala do risco do uso da Inteligência Artificial na arte em que milita.

Como foi dar a Wolverine um perfil que honrasse o legado de Isaac Bardavid?

Luiz Feier Motta: Substituir o Isaac Bardavid, no “X-Men ‘97”, foi uma honra, um presente e um prazer. O legado do Isaac é uma coisa monstruosa e maravilhosa. Foi sem dúvida um dos maiores dubladores brasileiros de todos os tempos. Esses dias, eu estava assistindo a um banguê-banguê antigo, dublado nos anos 1980, na Herbert Richards. O Isaac estava lá, dublando o bandido, que era, ninguém mais, ninguém menos, do que Jack Palance. Que aula de dublagem! Que



Divulgação

show de dublagem! Jack Palance criou um personagem neurótico, cheio de problemas, alguém complexo, com uma personalidade muito complexa, e o Isaac entendeu isso e nos deu um show. Outro filme maravilhoso é o “Ben-Hur” de 1959, no qual ele dublou o Hugh Griffith. Além disso, ele foi o esqueleto em He-man, outro trabalho maravilhoso e fantástico. O Isaac também foi um grande diretor. Ele me dirigiu em vários filmes e várias séries. No “Space Jam”, em que eu dublei o Michael Jordan... ele foi o diretor. Além de tudo isso, além de um grande colega, de um grande diretor, era um grande amigo. Conversávamos muito. Para mim foi um prazer indescritível substituir o Isaac, para dublar o Wolverine, nessa animação “X-Men ‘97”. Meu trabalho é minha homenagem ao legado do Isaac.

Quem é o Wolverine que você busca criar? Como ele age? O que sente? Você busca pesquisa de algum tipo ao encarar um personagem desses?

Criamos a voz tendo como referência sempre o original. Wolverine é aquela figura fechada, bruta e mal-humorada. A cena é apresentada na hora, então se cria na hora, baseando-se no original. Esse é o trabalho do Wolverine em “X-Men ‘97”. Já tinha dublado o personagem em “X-Men: Evolution” no começo dos anos 2000. Foi um grande prazer e uma grande honra.

Como você avalia o episódio da dublagem de Stallone em Tulsa King? O que significou recobrar seu boneco?

Com relação ao “Tulsa King” e ao Stallone, quem fez aquela dublagem cometeu

um grande erro. Fizeram um trabalho muito ruim que deu a impressão de que a dublagem foi feita por amadores ou alunos de um curso. A dublagem de todos os personagens estava muito ruim. O movimento dos fás do Stallone no Brasil é que desencadeou a redublagem por parte da Paramount. Fizemos um trabalho que ficou bem melhor. Isso é um respeito ao trabalho de longa data. Eu dublo o Stallone há cerca de 30 anos. O espectador está acostumado com aquela voz e você mudar, assim, do nada, não faz sentido. Na dublagem, pode ocorrer substituição, mas vamos fazer um trabalho bom. Quem for substituir que faça à altura ou melhor.

O que você pensa sobre redublagem e sobre o uso da AI nos estúdios?

Na dublagem, como em qualquer atividade, a inteligência artificial precisa ser sempre coadjuvante e nunca ser o personagem principal. Cabe a ela sempre ser a ferramenta que vai ajudar você a fazer um trabalho melhor. Vai ajudar o médico a fazer operações cada vez melhores; vai ajudar o advogado a fazer cada vez defesas melhores; vai ajudar o arquiteto a fazer projetos cada vez melhores. Mas ela nunca pode substituir o médico; nunca pode substituir o arquiteto; nunca pode substituir a voz do dublador. Se não houver regulamentação urgente, inteligência artificial é ficção se tornando realidade, é “Exterminador do Futuro”.

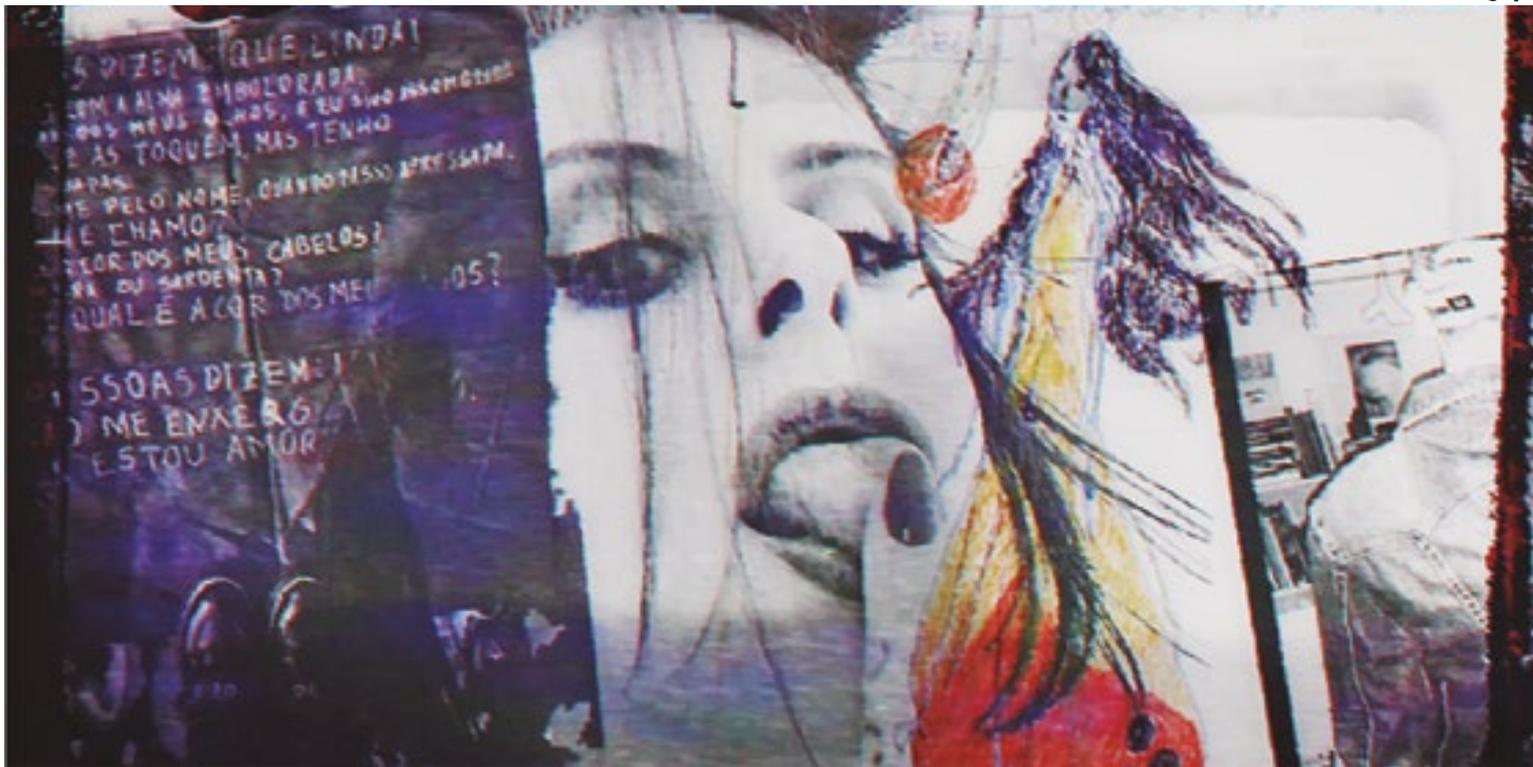
Sua voz tem sido ouvida em vários trailers nacionais? Como é fazer esse trabalho? O que a dublagem agrega a ele?

O meu primeiro trailer eu gravei em 1996. Tem um tempinho. Foi “Missão: Impossível”, o primeiro da franquia. De lá para cá, eu sempre procuro me aperfeiçoar em narração de trailers, porque eu gosto muito desse trabalho. Quando a minha voz é escolhida para algum trailer nacional, sinto uma grande honra, porque o pessoal que trabalha com o cinema brasileiro é um pessoal bem exigente, bastante detalhista. Quando escolhem a minha voz, é uma gratificação. Eu vejo a narração de trailers não como uma narração comum, que seja didática. Eu vejo o narrador de um trailer como mais um personagem daquela peça publicitária. Procuro sempre fazer a narração como se o narrador estivesse participando da cena, sempre mais um personagem na peça. É um trabalho que eu procuro evoluir a cada dia. Procuro ser criativo até onde é possível, pois você não pode passar do limite.

CRÍTICA / FILME / FERNANDA YOUNG - FOGEME AO CONTROLE

Jorro de ousadias num ensaio de saudades

Divulgação



Narrativa de Susanna Lira usa colagens para mapear as ideias de Fernanda Young

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Turbilhão de colagens - seja de desenhos, fotos, trechos de performances, entrevistas, séries de TV -, “Fernanda Young – Foge-me Ao Controle” periga ter se tornado o filme mais amado do *É Tudo Verdade* 2024. Foi abraçado numa unanimidade torta, sintonizada com o espírito cri-cri da romancista, poeta e apresentadora que documenta.

Há quem ame o corta-e-cola da narrativa (mais ousada, até hoje) da diretora Susanna Lira, mas se encespe com a verborragia filosófica de seu objeto de estudo - uma autora que fazia do verbo “irritar” seu aríete.

Fernanda morreu em 2019, aos 49 anos, em decorrência de uma crise de asma. Ela dizia que “reclamação é uma forma de

otimismo”. Era sua forma de se apresentar. Para alguns, isso é indigesto. Mas tem quem enxergue fofura numa série de depoimentos da própria personagem (pois tudo o que se ouve, fora uma ou outra pergunta de Marília Gabriela em arquivos, é em primeira pessoa) sobre vida familiar e alianças. A mais tocante delas: “Meu marido tem a função de organizar minhas alterações de humor”, diz, referindo-se ao companheiro, o publicitário e roteirista Alexandre Machado. Ou seja, é um filme de saldos receptivos antitéticos, mas, é um filme adorável.

E, num exercício de genealogia, ele evoca o trabalho da americana Shirley Clarke (1919-1997), a cineasta com quem Susanna mais parece dialogar, no *Tempo*, na História.

Basta uma frase colhida de uma sabatina da realizadora de “In Paris Parks” (1954) para que se entenda

sua conexão com Fernanda Young: “Nunca tive certeza sobre o mundo a que eu pertencço”. Shirley dirigiu 32 filmes entre 1952 (“Jelly Roll Morton”) e 1985 (“Ornette: Made In America”), consagrando-se como um dos pilares do documentário estadunidense. Fez o que se chama de avant-garde, em forma de curtas-metragens, e, como Susanna, galgou a excelência no terreno do .doc biográfico, com “Robert Frost: A Lover’s Quarrel With The World” (1963) e o magistral “Portrait of Jason” (1967).

É o mesmo terreno no qual Susanna, filme a filme, série a série, afirma-se como uma das documentaristas mais indomáveis de nosso país hoje, vide “Nada Sobre Meu Pai” (2023) e “Casão, Num Jogo Sem Regras” (2022).

Seu destaque nos holofotes destinados ao *É Tudo Verdade* revela uma conexão a mais com a estética perseguida por titãs como Shirley

Clarke. A máxima da cineasta americana era: “Todo processo de trabalho que eu desenvolvo é baseado no fluxo do movimento e no ritmo da montagem, numa dualidade de fantasia e realidade que convivem juntas, em toda imagem filmada”.

Essa tensão está em “Fernanda Young – Foge-me Ao Controle”, levando-o a um lugar de ensaio, a um jorro tão incontinente quanto o da cabeça da mulher sobre quem se debruça, fugindo da estrutura enciclopédica do cinema talking head, de depoimentos, de gráficos, de ilustrações. Não se ilustra nada do que Fernanda fala, sequer na leitura de fragmentos de sua literatura, lidos por Maria Ribeiro (que a interpretou no teatro, online, na pandemia). Em vez de “fotos-legendas” autoexplicativas e reiterativas, o que se vê na tela é um oceano de imagens da Era Muda do cinema, sempre com mulheres em ação, de modo a delinear a força femini-

na com a qual Fernanda se afinava.

Da mesma forma como Shirley Clarke fazia, existem momentos de delírio e de digressão (belíssimos) em “Fernanda Young – Foge-me Ao Controle”, tal qual existem momentos factuais. Neles, somos apresentados, pela própria FY, a seus livros (como “A Mão Esquerda de Vênus”) e a seu olhar sobre o ofício da escrita de roteiro no Brasil.]

A montagem de Ítalo Rocha (com a assistência de Rê Ferreira e Mateus Teixeira) dá equilíbrio a essa dinâmica (realidade em fricção com a imaginação) que Shirley chamava de gangorra. Sequências de “Os Normais”, do subestimado “Os Aspones”, de “Macho Man” e de “Shippados” nos engasgam de saudade de sua obra. Mas Susanna não detalha esses trechos, gastando energia em explicar como esses exercícios televisivos retratam a evolução de Fernanda, em seu processo de trabalho com o diálogo, para atrizes e atores do porte de Fernanda Torres, Luiz Fernando Guimarães, Selton Mello, Tatá Werneck e Andrea Beltrão.

Susanna jamais fala por Fernanda ou tenta confina-la em verbetes de dicionarização. FY não caberia em um. É na liberdade plena, galvanizada pela bela trilha de Flavia Tygel, que se dá uma autópsia em corpo vivo de um modo de ser e de estar radical.

O máximo de vetorização que Susanna impõe ao filme - e com sutileza de artesã - é a discussão sobre a não aceitação (em vida) de Fernanda como a grande escritora que era, vide o devastador “Efeito Urano”. A própria FY fala do preconceito que sua prosa sofria, peitando quem a esnobava: “Não reverencio os coronéis da Cultura”. O filme belíssimo que ganha, hábil no esgarçamento de fronteiras biográficas, escuta suas críticas e embala suas autocríticas, sem concessões.

Nesta sexta (12), o *É Tudo Verdade* exhibe mais uma sessão de “Fernanda Young - Foge-me Ao Controle”. Será às 17h30, no Estação Net Rio.

Paulo-Roberto Andel

Copacabana sussurra

Voltei a Copacabana. Eu sempre volto. Na verdade meu coração e espírito sempre navegam por lá. Mesmo trinta anos depois de ter sido expulso pelo crime de ser pobre. Mesmo depois de tudo. Eu vivo intensamente as ruas abandonadas do Centro e de outros bairros, mas de alguma forma sempre estou em Copacabana.

Então peguei o metrô à meia-bomba na Cinelândia e fui tranquilo para a Siqueira Campos. É sempre melhor descer pelo Aterro, ver o lindo recorte da natureza que vai até o Pão de Açúcar - a cidade tão bonita mas usufruída por tão poucos -, depois entrar no Túnel Novo e se sentir num verdadeiro túnel do tempo - eu brincava disso quando era criança - até fazer a gloriosa curva à direita que desemboca na Barata Ribeiro.

Acontece que eu tinha tempo curto para chegar, então o metrô é uma garantia - cara. Queria chegar a tempo no mitológico sebo L. O. Matta, que é muito bom, com excelentes discos - as atendentes são maravilhosas, o dono não. Deu tempo de pescar um João Gilberto, era o que bastava. João foi de Copa, morou com João Donato perto da Cardeal Arcoverde, é coisa nossa.

Fechada a loja em minutos, naveguei pelo Shopping dos Antiquários, reverenciei meu bar morto, espiei o prédio onde morei por 16 anos, outro que frequentei por dez e sonhei encontrar algum conhecido, mas não aconteceu. Olhei bem para as lojas, elas são totalmente diferentes do que eram há trinta ou quarenta anos, mas o shopping tem uma atmosfera inconfundível. Vi uma doceria com tortas lindas e quis comprar um pedaço para a Marina e outro para minha mãe, só que Marina está a 70km e minha mãe, ah, talvez nunca mais ou no infinito, talvez somente dentro de mim.

Voltei para o metrô e saltei na Cantagalo para encontrar meu amigo Raul. Nós abraçamos e caminhamos um pouco pela Aires Saldanha. Pouco tempo depois, estávamos comendo a melhor pizza napolitana do mundo - não há como explicar, só indo e comendo, mas aquela pizza tem um sabor único, feito quando você ouve King Crimson ou lê Jack Kerouac - ou ainda mestre Ivan Lessa. Comemos, rimos, fofocamos, lamentamos a ausência dos amigos de mesa e no fundo, talvez bem no fundo, não vamos lá só para comer a melhor pizza do mundo, nem somente para lembrar de todos os ótimos garçons que nos atenderam lá por décadas a fio - todos se foram -, mas é que o Xuru morava no prédio ao lado do Caravelle e, inconscientemente, a gente carrega uma ridícula esperança que ele apareça rindo e sente à mesa. É impossível porque Xuru morreu há dezoito anos, mas continua presente em nossas piadas, diálogos e sentimento.

Depois da melhor pizza do mundo, encaramos um sorvetinho e aí era inevitável lembrar do Solar dos Couceiro, onde nos conhecemos e vivemos grandes dias de nossas vidas. Só que tudo que é bom acaba rápido e perto das oito e meia nos mandamos porque tinha Fluminense na televisão. Nós não somos torcedores do Fluminense, mas sim peregrinos dele - o perseguimos desde sempre e provavelmente morreremos assim.

Depois do empate do Fluminense toca Nirvana numa chamada do Canal Bis. Tudo isso é apenas pano de fundo porque ainda estou hipnotizado por Copacabana, porque trinta anos depois ainda sinto saudades de Copacabana. Tudo é Copacabana. São três e meia da manhã e preciso dormir, mas Copacabana sussurra: "Espere um pouco mais, meu bem."

Sobre o amor quando não há amanhã

Reprodução

Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

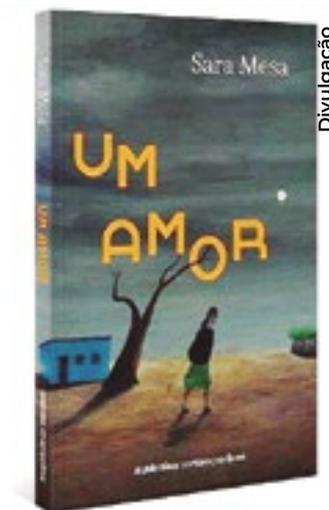
A edição brasileira de *Um Amor* (Autêntica Contemporânea, R\$ 46,90), da espanhola Sara Mesa, repete na capa a pintura de Gertrude Abercrombie que estampou o livro na Espanha. Uma mulher jovem caminha num local desolado, à noite. O quadro é de 1945, a novela só surgiu em 2020, um sucesso de vendas adaptado para o cinema pela premiadíssima Isabel Coixet. Mesmo sem qualquer referência a inspirações pelos trabalhos melancólicos de Abercrombie, o romance de Sara Mesa começa a ser contado naquela capa que expressa a angústia e o incômodo da tradutora Nat, radicada num lugarejo do interior espanhol - que poderia situar-se em qualquer recanto bem distante das metrópoles.

Nat é, claramente, um ser urbano, em fuga de seu próprio destino. Cometeu um delito e, mesmo sem punição, decide trocar a carreira por um ofício solitário, a ser exercido em qualquer lugar. Aluga uma casa simples, com infiltrações e goteiras, de um proprietário bruto e amedrontador. Junto com a casa vem um cachorro tão desengonçado quanto o imóvel.

Ao libertar-se de um passado pouco confortável, a protagonista é gradualmente açoitada pela realidade árida que a cerca. Embora relutante em abandonar sua solidão, na qual estabeleceu uma ocupação profissional, mas não o respeito dos vizinhos, ela acaba se relacionando com os moradores e fazendo autodescobertas que a rotina agitada não lhe permitia perceber. A primeira é o fato de, ao se aproximar dos 40 anos, haver perdido o poder de atrair qualquer homem e ter que se contentar com



Com carreira sólida na Europa, só agora a obra da espanhola Sara Mesa chega ao Brasil



a amizade sincera de um hippie metido a artista plástico, criador de coloridíssimos mosaicos de estética nem sempre agradável. Acaba se apaixonando por um parceiro sexual, forasteiro como ela própria, que não caiu nas boas graças de boa parte do povoado.

A localidade se apresenta como um personagem que rodeia Nat, sem oferecer qualquer encanto natural, e se mostrando traçoeira como o cachorro magrelo que o locador deixou a seus cuidados. A hostilidade cerca a tradutora, que desiste de sua própria arrogância

acadêmica, pronta a abraçar uma vida simples, plantando uma horta e um jardim que resistem a crescer na aridez daquele solo.

O simbolismo é tão claro nesta narrativa quanto a ingenuidade — ou teimosia — da protagonista. O lugarejo de La Escapa a aprisiona, os problemas rastejam em torno dela, que só poderá buscar uma saída se for enxotada daquela comunidade. Para justificar sua incapacidade de se mover, ela se apega ao idílio amoroso tão frágil quanto a vegetação rasteira do lugar.

Com uma carreira sólida e reconhecida na Europa, só agora Sara Mesa chega ao Brasil. É bem o momento para lançar outros de seus títulos por aqui, muitos tratando da solidão na contemporaneidade. Em entrevistas, Sara Mesa afirma acreditar que apesar das mudanças na sociedade, principalmente em termos profissionais, ainda se vive sob a ilusão do mito do amor romântico e quem não mantém um casamento monógamo é fracassado, dilema experimentado por Nat, em *Um amor*.

Você sabia?

Que o peso total de todas as formigas na Terra é comparável ao peso de todos os seres humanos do Planeta?

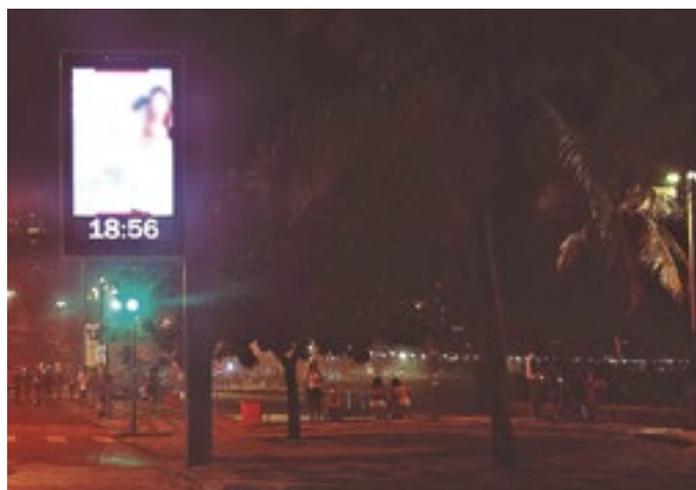
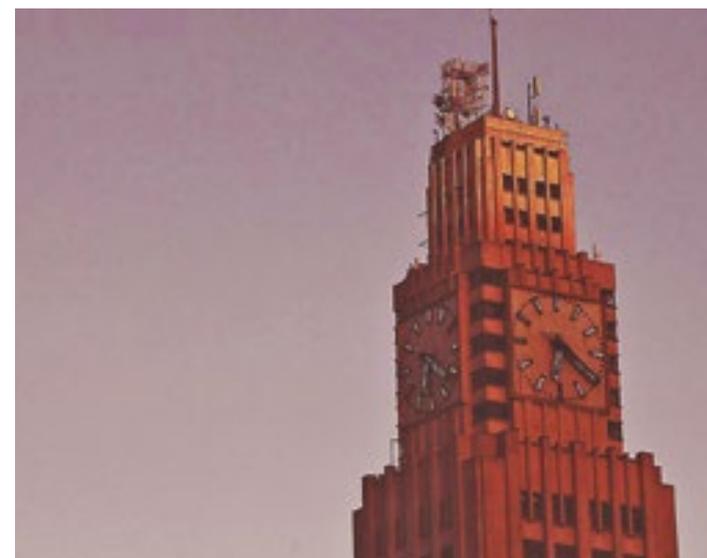
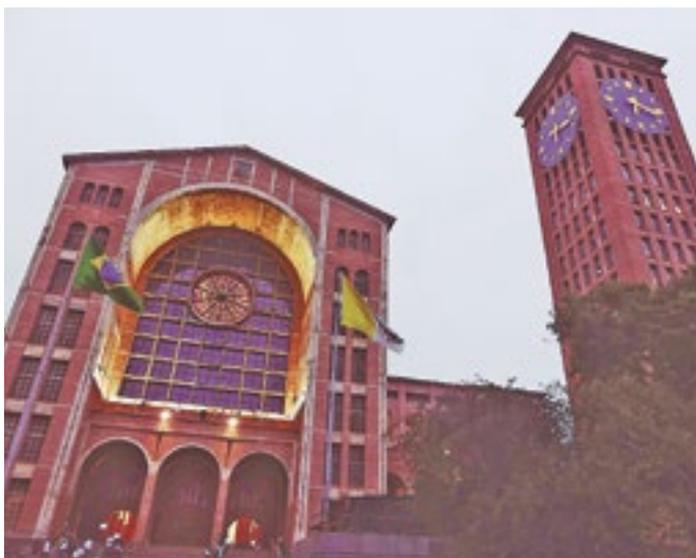
Que o elefante é o único mamífero, junto com o homem, que tem queixo. Ele também é o único a ter quatro joelhos e, assim como a tartaruga, o hipopótamo e o caramujo, não consegue pular?

“Você sabia? Rádio Relógio Federal, cultura e hora certa. Observatório do Valongo ao sinal...” e lá vinha a majestosa Íris Lettieri, a voz mais famosa dos aeroportos cariocas: dez horas, zero minuto, zero segundo... tic-tic-tic. O metrônomo marcava, segundo a segundo, o senhor da razão. Garantia o papo nas mesas dos bares quando, já alta madrugada, os assuntos passavam a ser a mais pura e debochada cultura inútil. Nunca esqueci a história dos quatro joelhos paquidérmicos e o queixo. A disputa era acirrada pelas ‘bobagens’ culturais. Parece que todos passavam o dia ligados na AM 580 Khz, prestando atenção redobrada quando, Tavares Borba, locutor oficial da ‘vinheta cultural’, mandava o celebre “Você sabia?”. Fico pensando: como podíamos impressionar alguém com esse papo verdadeiro, porém furadíssimo. Como? O fato é que impressionávamos!

A Rádio Relógio, concebida e fundada, em 1956, pelo radialista Cesar Ladeira, criador de referências artísticas como: “A Pequena Notável” para Carmen Miranda e “Rei da Voz” para Francisco Alves. Irradiava 24 horas por dia – o famoso 365/7/24, marcou época – sem trocadilhos, é claro!

Em tempos que não havia celulares, os relógios de pulso não eram tão comuns e baratos, nas ruas, poucos eram os relógios públicos – o mais famoso da Central do Brasil, nem sempre cravava o mesmo horário em suas quatro faces. Havia ainda os da Mesbla, no Passeio, o da Glória no bairro homônimo, da Carioca e de algumas relojoarias espalhadas pela cidade. A rádio relógio era fundamental. Era assim um despertador matinal da família carioca e ainda, de quebra, contribuía para nossa cultura geral, informações jornalísticas e questões de utilidade pública como o “aviso aos navegantes”.

Um de seus anunciantes mais presentes era a Galeria Silvestre: “Depois do Sol, quem ilumina seu lar é a Galeria Silvestre”. Quem não recorda? Aliás, a Galeria, no mar de quebradeiras que assola o centro, perdura até hoje, ligan-



do as ruas Sete de Setembro à rua do Teatro, próxima à praça Tiradentes. Está lá iluminado os lares cariocas. (isso não é jabá, viu?!).

Histórias que marcaram época das madrugada de chope, geladíssimo, servidos

pelos garçons, Chimenez e ‘Ceguinho’, no Castelhinho. Marcaram quando um dia ao amanhecer, escutei no Rádio 9 Band Philco Am-Fm Solid State Transglobe: “Você sabia? O leão é o animal que, durante o período de

cio das fêmeas – dura de 2 a 4 dias –, copula dia e noite, a cada 15 minutos. Algo em torno de 280 coitos por fêmea”. Mudou a minha vida. Fiquei com uma inveja danada do leão...

Você sabia?

Tiramisù

para adoçar o Dia do Café

Em homenagem à data, veja um roteiro do tradicional doce italiano feito com o grão

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love)** Especial para o Correio da Manhã

São muitos os fãs de café, que neste domingo (14) tem uma data mundial só para eles. Neste dia, a indústria cafeeira celebra a 2ª bebida mais consumida do mundo, perdendo apenas para a água. Para unir duas paixões nacionais – o café e os doces – o Correio da Manhã fez um roteiro de tiramisù, tradicional sobremesa italiana, oferecida nos restaurantes cariocas em diversas apresentações, que leva café em sua receita. Confira abaixo:

Roberto Seba/Divulgação



Ráscal

Crudo & BG/Divulgação



Bráz Pizzaria

Diana Cabral/Divulgação



D'amici

Divulgação



Artesanos Bakery

Rodrigo Azevedo/Divulgação



Alessandro e Frederico

Tomás Vélez/Divulgação



ÏT Ristorante

Bruno de Lima/Divulgação



Satyricon

Alessandro & Frederico - O restaurante italiano tem em seu cardápio o clássico Tiramisù "della mama Tereza" (R\$ 40), receita de família, que faz sucesso há anos no cardápio casa. Rua Garcia D'Ávila, 151 – Ipanema. Tel: (21) 2522-6025.

Artesanos Bakery – Na padaria de produtos de fermentação natural o cliente pode encontrar na ala dos doces o tiramisù (R\$ 18). Ele é servido em um potinho e é feito com biscoito champanhe, mascarpone, chocolate e café. Rua São João Batista, 26 – Botafogo. Tel: (21) 99467-1111.

Bráz Pizzaria - Com mais de 25 anos de história é claro, que a mais famosa das sobremesas italianas tem lugar cativo no cardápio da casa. Leve e saboroso, o Tiramisù leva biscoito, creme de queijo, café e pó de cacau amargo para finalizar (R\$ 34). Rua Maria Angélica, 129 – Jardim Botânico. Tel: (21) 2535-0687.

D'amici Ristorante - No restaurante italiano, localizado no Leme, é possível encontrar no menu de sobremesa o tiramisù (R\$ 38). A clássica sobremesa italiana é feita com pão de ló, mascarpone e café espresso. Rua Antônio Viêira, 18 – Leme. Tel: (21) 2543-130.

ÏT Ristorante - Para o capítulo das sobremesas da casa, localizada no Shopping Leblon, o chef Luciano Ramos incluiu o tiramisù (R\$ 35). Ele é feito com pão de ló umedecido com calda de café, mousse de mascarpone e toffee de cacau. Av. Afrânio de Melo Franco, 290 – 4º Piso – Leblon. WhatsApp: (21) 99947-6534.

Ráscal – O restaurante, localizado no Shopping Leblon, oferece a tradicional sobremesa italiana em seu cardápio, na casa o tiramisù (R\$ 28) é servido em um copinho. Shopping Leblon – Av. Afrânio de Melo Franco, 290. Tel: (21) 2259-6437.

Satyricon - O restaurante, conhecido por servir a clássica cozinha italiana mediterrânea, segue a receita fiel do tiramisù italiano (R\$ 52). Ele é feito com queijo mascarpone, café e cacau. Rua Barão da Torre, 192 – Ipanema. Tel: (21) 2521-0627.